

**Istoé Dinheiro Online – 11/06/2014**  
**Evento de IstoÉ discute soluções para o setor energético**

<http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/economia/20140610/evento-istoe-discute-solucoes-para-setor-energetico/162286.shtml>

**Istoé Dinheiro**

HOME | NOTÍCIAS | BLOGS E COLUNAS | ÍNDICES | TV DINHEIRO | REVISTA | MAIS

## Evento de IstoÉ discute soluções para o setor energético

Entre a possibilidade de racionar energia e a necessidade de investir no longo prazo, especialistas analisam o que gerar e como vender no País

10/06/2014 // Por: Redação

Imprimir: Compartilhar:

Christopher Vlavianos, presidente da Comerc, no seminário Desafios da Energia, de IstoÉ: reduzir o consumo em 5% ou 6% não seria um pecado, no atual cenário

O setor energético brasileiro encontra-se pressionado, atualmente, por problemas de curtíssimo prazo, como o risco de racionamento, e a necessidade de continuar com os investimentos que assegurem o abastecimento no futuro. Esses foram alguns pontos abordados no seminário Desafios da Energia, promovido pela revista IstoÉ nesta terça-feira 10.

As observações dos participantes dividiram-se, basicamente, em dois grandes blocos de questões: que tipo de energia gerar, e como vendê-la, a fim de garantir a remuneração de quem investe no setor. Em comum, todos destacaram a necessidade de se diversificar a matriz energética brasileira, hoje concentrada nas hidrelétricas, que responde por 76% de nossa geração. "Só há uma forma de mudar essa matriz: incentivar o investimento em outras fontes", afirmou Christopher Vlavianos, presidente da comercializadora de energia Comerc.

Atualmente, as fontes renováveis de energia representam 46% da geração brasileira. "Isso é algo incomum", afirma José Goldenberg, ex-ministro da Ciência e Tecnologia e ex-presidente da Cesp. "Nos Estados Unidos, por exemplo, as fontes renováveis são apenas 9% do total." O problema, segundo Goldenberg, é que o Brasil caminha para ampliar a fatia de fontes não-renováveis, sobretudo devido ao pré-sal, que ampliou as reservas de petróleo. "Nossa matriz está cada vez mais carbonizada", disse.

Além de ser consumido por veículos e caminhões, o petróleo e o gás natural também abastecem as usinas termelétricas que, hoje, somam 36 mil megawatts de capacidade instalada e são fundamentais para que o País não enfrente um eventual racionamento. Embora sofram fortes resistências de ambientalistas, a construção de novas térmicas não seria algo, necessariamente, ruim para o Brasil. Tudo depende da tecnologia com que é projetada e de seu combustível: térmicas movidas a gás natural ou biogás, por exemplo, são mais limpas que as à base de diesel, segundo Eduardo Muller Monteiro, diretor executivo do Instituto Acende Brasil. "Nosso parque termelétrico não é o ideal, mas, hoje, as térmicas são vistas como crimes ambientais", disse.

### Renováveis

No campo da energia renovável, as principais esperanças estão na cana-de-açúcar, seja para se transformar em etanol e substituir os derivados de petróleo em veículos, seja para ter seu bagaço usado como biomassa. Outra opção vista com simpatia pelos participantes do evento é a energia eólica. "Há lugares muito bons no Brasil para parques eólicos", afirmou Goldenberg.

A energia solar também teria seu espaço em uma matriz mais sustentável de energia. "Há experiências bem interessantes de pequenos smart grids (redes inteligentes), em que o consumidor vende o excedente que gerou para o sistema", afirmou Luiz Pinguelli Rosa, diretor da Coppe/UFRJ.

### Tarifas

Se não faltam opções para diversificar as fontes de energia do País, as ressalvas dos especialistas recaíram no modelo de financiamento e venda de energia. O setor ainda se ressentiu dos impactos da Medida Provisória 579, publicada em 2012 e que trata da renovação de concessões do setor e da redução das tarifas para os consumidores. "Reduzir as tarifas não é errado, já que os preços no Brasil estão entre os mais altos do mundo", afirmou Pinguelli. "A forma como ocorreu é que foi muito malfeita e infeliz", disse.

Outro ponto criticado pelos participantes do seminário foi a política de modicidade de tarifas que pauta as novas concessões. Para Vlavianos, da Comerc, o governo optou por um modelo de modicidade de tarifas que fica bem "na foto do momento do leilão, mas acumula pressões de alta no futuro". Monteiro, do Instituto Acende Brasil, aponta para um reajuste represado de 20%, que deverá ser aplicado em 2015 ou 2016. Por isso, recomenda outro caminho para conseguir preços baixos para a energia, sem prejudicar geradores, transmissores e toda a cadeia do setor. "Em média, 45% do que se paga na tarifa de energia é imposto". Logo, rever a carga tributária do setor já ajudaria bastante.

### Racionamento

A discussão em torno das tarifas é ainda mais importante em momentos de risco de abastecimento, como o atual. Vlavianos afirma que o governo errou ao passar sinais descontraídos para a população. "Quando se reduz em 20% o preço da energia, você está dizendo que pode gastar, que está sobrando, e esse não é o caso", disse. "Estamos muito perto da linha de risco [de racionamento]", afirmou. O motivo é que, tradicionalmente, os reservatórios do Sudeste costumam chegar ao fim do período de estiagem com 80% de sua capacidade. Neste ano, ela já está em 37%, e estamos longe do início das chuvas.

"O governo vive um otimismo que não sei de onde vem", disse Goldenberg, em referência ao eventual racionamento de energia. "Isso mostra certo autismo". A alternativa seria algum tipo de racionamento de energia – no jargão do setor, conhecido como gerenciamento de carga. Segundo Vlavianos, da Comerc, não seria necessário um corte profundo do fornecimento, mas um programa de incentivo. "Não estamos falando dos 20% de corte da época do racionamento, em 2002, mas de algo como 5% a 6%", disse.

De qualquer modo, uma solução só será encontrada, quando os participantes do sistema elétrico voltarem a confiar no governo. "O importante é reestabelecer a confiança que, nitidamente, foi quebrada", afirmou Monteiro, do Instituto Acende Brasil. "Precisamos de uma abordagem menos simplificador, porque energia tem custo e tem preço".

Entre a possibilidade de racionar energia e a necessidade de investir no longo prazo, especialistas analisam o que gerar e como vender no País

O setor energético brasileiro encontra-se pressionado, atualmente, por problemas de curtíssimo prazo, como o risco de racionamento, e a necessidade de continuar com os investimentos que assegurem o abastecimento no futuro. Esses foram alguns pontos abordados no seminário Desafios da Energia, promovido pela revista IstoÉ nesta terça-feira 10.

As observações dos participantes dividiram-se, basicamente, em dois grandes blocos de questões: que tipo de energia gerar, e como vendê-la, a fim de garantir a remuneração de quem investe no setor. Em comum, todos destacaram a necessidade de se diversificar a matriz energética brasileira, hoje concentrada nas hidrelétricas, que responde por 76% de nossa geração. "Só há uma forma de mudar essa matriz: incentivar o investimento em outras fontes", afirmou Christopher Vlavianos, presidente da comercializadora de energia Comerc.

Atualmente, as fontes renováveis de energia representam 46% da geração brasileira. "Isso é algo incomum", afirma José Goldenberg, ex-ministro da Ciência e Tecnologia e ex-presidente da Cesp. "Nos Estados Unidos, por exemplo, as fontes renováveis são apenas 9% do total." O problema, segundo Goldenberg, é que o Brasil caminha para ampliar a fatia de fontes não-renováveis, sobretudo devido ao pré-sal, que ampliou as reservas de petróleo. "Nossa matriz está cada vez mais carbonizada", disse.

Além de ser consumido por veículos e caminhões, o petróleo e o gás natural também abastecem as usinas termelétricas que, hoje, somam 36 mil megawatts de capacidade instalada e são fundamentais para que o País não enfrente um eventual racionamento. Embora sofram fortes resistências de ambientalistas, a construção de novas térmicas não seria algo, necessariamente, ruim para o Brasil. Tudo depende da tecnologia com que é projetada e de seu combustível: térmicas movidas a gás natural ou biogás, por exemplo, são mais limpas que as à base de diesel, segundo **Eduardo Muller Monteiro**, diretor executivo do **Instituto Acende Brasil**. "Nosso parque termelétrico não é o ideal, mas, hoje, as térmicas são vistas como crimes ambientais", disse.

## **Renováveis**

No campo da energia renovável, as principais esperanças estão na cana-de-açúcar, seja para se transformar em etanol e substituir os derivados de petróleo em veículos, seja para ter seu bagaço usado como biomassa. Outra opção vista com simpatia pelos participantes do evento é a energia eólica. "Há lugares muito bons no Brasil para parques eólicos", afirmou Goldenberg.

A energia solar também teria seu espaço em uma matriz mais sustentável de energia. "Há experiências bem interessantes de pequenos smart grids (redes inteligentes), em que o consumidor vende o excedente que gerou para o sistema", afirmou Luiz Pinguelli Rosa, diretor da Coppe/UFRJ.

## **Tarifas**

Se não faltam opções para diversificar as fontes de energia do País, as ressalvas dos especialistas recaíram no modelo de financiamento e venda de energia. O setor ainda se ressentido dos impactos da Medida Provisória 579, publicada em 2012 e que trata da renovação de concessões do setor e da redução das tarifas para os consumidores. "Reduzir as tarifas não é errado, já que os preços no Brasil estão

entre os mais altos do mundo”, afirmou Pinguelli. “A forma como ocorreu é que foi muito malfeita e infeliz”, disse.

Outro ponto criticado pelos participantes do seminário foi a política de modicidade de tarifas que pauta as novas concessões. Para Vlavianos, da Comerc, o governo optou por um modelo de modicidade de tarifas que fica bem “na foto do momento do leilão, mas acumula pressões de alta no futuro”. Monteiro, do Instituto Acende Brasil, aponta para um reajuste represado de 20%, que deverá ser aplicado em 2015 ou 2016. Por isso, recomenda outro caminho para conseguir preços baixos para a energia, sem prejudicar geradores, transmissores e toda a cadeia do setor. “Em média, 45% do que se paga na tarifa de energia é imposto”. Logo, rever a carga tributária do setor já ajudaria bastante.

## **Racionamento**

A discussão em torno das tarifas é ainda mais importante em momentos de risco de abastecimento, como o atual. Vlavianos afirma que o governo errou ao passar sinais desencontrados para a população. “Quando se reduz em 20% o preço da energia, você está dizendo que pode gastar, que está sobrando, e esse não é o caso”, disse. “Estamos muito perto da linha de risco [de racionamento]”, afirmou. O motivo é que, tradicionalmente, os reservatórios do Sudeste costumam chegar ao fim do período de estiagem com 80% de sua capacidade. Neste ano, ela já está em 37%, e estamos longe do início das chuvas.

“O governo vive um otimismo que não sei de onde vem”, disse Goldenberg, em referência ao eventual racionamento de energia. “Isso mostra certo autismo”. A alternativa seria algum tipo de racionamento de energia – no jargão do setor, conhecido como gerenciamento de carga. Segundo Vlavianos, da Comerc, não seria necessário um corte profundo do fornecimento, mas um programa de incentivo. “Não estamos falando dos 20% de corte da época do racionamento, em 2002, mas de algo como 5% a 6%”, disse.

De qualquer modo, uma solução só será encontrada, quando os participantes do sistema elétrico voltarem a confiar no governo. “O importante é reestabelecer a confiança que, nitidamente, foi quebrada”, afirmou Monteiro, do Instituto Acende Brasil. “Precisamos de uma abordagem menos simplificadora, porque energia tem custo e tem preço”.